

# Saúde e Lucro, a cartilha do Banco Mundial

Adelmo Carneiro Leão\*

A forma de um artefato ou de um conceito pode esconder a sua real serventia. O Cavalo de Tróia é um exemplo e as receitas de políticas públicas do Banco Mundial - BIRD também. Em suas cartilhas, essa instituição trabalha com palavras enunciando um significado, mas na verdade procura coisas diversas.

Na questão da saúde, por exemplo, o BIRD e o Instituto Brasileiro para Estudo e Desenvolvimento do Setor Saúde – IBEDESS lançaram, em Belo Horizonte, com a presença entusiasmada de representantes do Governo Mineiro, um livro no qual avaliam o desempenho do sistema hospitalar brasileiro, concluindo pela sua total ineficiência. Um fato irrefutável e conhecido por todos os brasileiros. O simulacro começa quando essas instituições apontam as soluções priorizando a supremacia do mercado e do lucro.

Quando refletimos sobre eficiência, posta na lógica destes autores, e alinhada com o discurso neoliberal sobre recursos/custos/oferta/demanda em saúde, com a biopolítica e com o princípio de equidade, vemos que esse discurso propaga, continuamente, o casamento entre o Estado e o mercado da saúde. Cede – doa – então, paulatinamente, os seus aparelhos ao terceiro setor; seduz a sociedade a transformar suas necessidades de saúde em demandas de serviços e, ainda, como se não bastasse, enaltece os direitos individuais.

Sua real pré-ocupação não é com as "causas de aumento de demanda", mas com as "condições para dar conta desse aumento". A saúde deixa de ser um bem público (já que este direito é social), mas passa a ser custo (uma esmolinha pra compensar as vantagens que o Estado proporciona à reprodução do capital), e, mesmo assim, tem que ser produtivo, dar lucro.

A biopolítica, estratégia das sociedades ocidentais de controle da "ordem" do corpo social, vende conceitos de qualidade (lê-se: conduz o destino do homem) e, ao final, diz, como os autores: a qualidade está cada vez mais como um fator de escolha. Que escolha? Ninguém pode escolher nada. O discurso é "não coma isso, não beba aquilo, faça exercício físico", e tantas outras normativas fundadas na negação. Pensando em quem? Na sociedade? Não. Pensam no corpo produtivo, na escala de produção, na produtividade e na lucratividade.

Visando, sobretudo, afugentar o "caos", este imperativo gerou uma forte questão bioética na saúde pública ocidental: a "culpabilização" dos cidadãos pela "não saúde" caso não mudassem seu estilo de vida. Construíram, então, um inconsciente coletivo único e, aí, saíram do cenário e colocaram a sociedade como "a grande responsável pelos resultados para o ano 2.000". E cá estamos a correr contra o tempo pra vivermos mais que nossos bisavós e, ironicamente, o que estamos gerando? Felicidade? Não. Segundo a ideologia neoliberal, aumentamos os custos, cuja solução é a saúde dando lucro. Quantos de nós temos condições materiais de existência para a prática de exercícios físicos, antes ou depois do trabalho? Pouquíssimos, pois o capital intimida tal prática.

Pensar eficiência e qualidade de nossos hospitais sem pensar equidade, não é possível. O meio para se alcançar a universalidade com qualidade, em saúde, é a equidade econômica, social e política. O fim é a qualidade em saúde para todos e o único meio é a equidade. Na retórica, esse princípio está presente, mas, e na prática? A ordem neoliberal ecoa nos corredores dos hospitais e clínicas, vindos da burocracia dos governos de elite e das instituições como o Banco Mundial: "façamos políticas compensatórias para os coitados, e vamos em frente".

A eficiência de utilização de recursos depende da eficiência tecnológica, da busca da excelência, e é necessário existir qualidade interna para se alcançar eficiência de utilização de recursos. Mas essa tal qualidade interna, essa tal excelência, está a serviço de quem? Da sociedade pagadora de impostos, do cidadão? Não. Está na satisfação da entidade prestadora. E qual é a real satisfação das entidades? O cuidado do cidadão com qualidade? Não. Está em evitar riscos financeiros, como prognosticam o BIRD e o IBEDESS, ou como disse de forma simplória e esfuziante o Secretário de Saúde de Minas Gerais, no lançamento do livro do Banco Mundial em Belo Horizonte: “Nossos hospitais pequenos não têm razão de existir, são caros e não rendem.” O que serão dos pequenos e médios municípios?

Ilusório é achar possível mensurar a qualidade externa com metodologia de controle de qualidade ou auto-regulação. Este atributo tem uma dimensão qualitativa e subjetiva que transcende qualquer método, embora os serviços de assessoria e de consultoria aos programas de saúde, cobrados pelo Banco Mundial, cheguem a mais de 10% do total programado. O caso do REFORSUS, por exemplo, quando o banco levou U\$42 milhões de um financiamento de U\$300 milhões, é notório.

Ademais, o corporativismo na auto-regulação é fatal e, certamente, a avidez das grandes corporações de saúde (os grupos financeiros nacionais e internacionais, as cooperativas de profissionais de saúde com suas elites diretoras altamente remuneradas, e as sociedades de grandes hospitais, representados pelo BIRD, IBEDESS e congêneres) estão atentas a esse nicho de mercado (sic), mesmo que seja por cima da lei.

Um fortíssimo exemplo disto é a dificuldade da participação social nas decisões em saúde tornar-se uma Política de Estado. Ainda que garantida pela Constituição Federal, em seu Artigo n 198, e regulamentada pela Lei Orgânica da Saúde 8.142, a participação da sociedade na deliberação de políticas públicas é uma utopia. Na prática, esta conquista não consegue navegar, pois rema no barco da reprodução do capital, cujo proprietário sucateia o Sistema Único de Saúde, dá a gestão dos recursos públicos às Organizações Sociais de Saúde, o Terceiro Setor, e, finalmente, chega ao seu Éden: privatização do mercado (sic) de saúde.

O engodo da qualidade dos serviços hospitalares é, portanto, o estratagema para transformar a saúde em lucro, uma atividade a ser exercida sem riscos, uma vez que o Estado continuará a ser o grande provedor de recursos e a sociedade de doentes.

---

\*Deputado Estadual (PT), Ex-Secretário de Saúde de MG, Professor Universitário, Médico e Doutor em Ciências pela USP